

## **ATOS RETÓRICOS E ARGUMENTAÇÃO: UM PERCURSO SIGNIFICATIVO**

**Luciano de Almeida**

Mestre em Língua Portuguesa, PUC, SP.

**RESUMO:** Este trabalho busca trazer um estudo da Retórica nos aspectos teórico e prático. Para tanto, é feito um percurso das vertentes de estudo que vêm desde Aristóteles que lançou de forma sábia e eficaz as raízes deste estudo, até chegarmos aos autores contemporâneos. Percebe-se que ao pensar, ao falar ou ao escrever para um determinado auditório, na maioria das vezes ou quase sempre, de maneira inconsciente utilizamos técnicas retóricas. Quando essas técnicas são aprendidas e desenvolvidas, com maior facilidade conseguiríamos melhorar nossa relação através de argumentos mais eficazes. Os argumentos servem para convencer ou para persuadir o outro com quem nos relacionamos. O convencimento vem através de razões explícitas que leva o outro a perceber claramente os motivos dos argumentos. A persuasão procura trazer os argumentos menos explícitos para provocar no outro uma reação mais emocional. A fim de analisarmos como os argumentos podem ocorrer em uma situação de comunicação, utilizaremos os cinco princípios retóricos inventio, dispositio, elocutio, actio e memória, aplicados em um exemplo retirado da campanha eleitoral do deputado federal Tiririca, em que ele utiliza como base de apoio político o prestígio do cantor e compositor Roberto Carlos.

**PALAVRAS-CHAVE:** atos retóricos; argumentação; persuasão; convencimento.

**ABSTRACT:** This work seeks to bring a study of Rhetoric in theoretical and practical aspects. To this end, a study is made of the study strands that come from Aristotle who launched the roots of this study in a wise and effective way, until we reach contemporary authors. It is noticed that when thinking, speaking or writing to a certain audience, most of the time or almost always, we unconsciously use rhetorical techniques. When these techniques are learned and developed, we could more easily improve our relationship through more effective arguments. The arguments serve to convince or to persuade the other with whom we relate. Conviction comes through explicit reasons that lead the other to clearly understand the reasons for the arguments. Persuasion seeks to bring out less explicit arguments to provoke a more emotional reaction in the other. In order to analyze how arguments can occur in a communication situation, we will use the five rhetorical principles inventio, dispositio, elocutio, actio and memory, applied in an example taken from the electoral campaign of the federal deputy Tiririca, in which he uses as a basis for political support the prestige of singer and songwriter Roberto Carlos.

**KEYWORDS:** rhetorical acts; argumentation; persuasion; convincing.

### **INTRODUÇÃO**

Nesta parte, são feitos alguns resgates teóricos, a fim de embasar a análise, mas sem uma preocupação de trazer discussões sobre abordagens distintas dos aspectos

retóricos estudados, mas mais uma apresentação de conceitos transcritos dos autores lidos.

A Retórica percorreu vários caminhos, desde seu surgimento, mas nunca perdeu seu vínculo com os estudos iniciais sistematizados por Aristóteles. Podemos citar em:

Os deuses não dispensam igualmente aos mortais seus amáveis presentes: formosura, talento, eloquência. Acontece que a um homem não dotado de beleza a divindade favorece-o com a palavra, e todos se sentem seduzidos ante ele porque fala com a segurança e suave modéstia, e domina na Ágora, e o povo o considera como uma divindade quando anda pela população. (Fonte: HOMERO. Odisseia Trad. Carlos Alberto Nunes. 4. ed. São Paulo, 1992, vn: 167.)

Uma boa retórica é inspiradora e divina. Os pensadores e os poetas eram respeitados pela persuasão, pois quando davam a sua palavra ao público, ela encantava e tornava aquele momento algo marcante para a história. A palavra era eternizada pela capacidade de persuasão, pois não era registrada em papel para a leitura. Era tão grande o encantamento, que muitos não olhavam os homens da palavra como mortais mais sim como divindades, cheios de luz e de saber. (FERREIRA, 2015)

O nascimento histórico da Retórica é costumeiramente localizado no século V. a.C., em Siracusa, na Magna Grécia (hoje, Itália). Depois da queda do general ateniense Trasíbulo (455 a.C.-388 a.C), surgiram inúmeras causas que solicitavam a restituição de terras subtraídas pelo tirano aos legítimos proprietários. Formavam-se júris populares e aperfeiçoava-se a oratória. Desse modo, desde suas origens, a retórica encontra-se indissociavelmente ligada ao Direito, ao aspecto judiciário do discurso. O primeiro tratado de retórica foi escrito em 465 a.C., por Córax e seu discípulo Tísias, dois oradores que se notabilizaram na defesa das vítimas dos arbítrios cometidos pelo tirano de Siracusa.

Num percurso histórico, essa oratória sai dos coliseus para os palcos de grandes teatros, passando para plenários políticos. Com o auxílio dos microfones é transportada para o rádio e com os avanços tecnológicos para a televisão. Atualmente verificamos, um alcance maior de auditório com a utilização da internet. Não importa o meio, quando a oratória é realizada de forma adequada, o objetivo sempre é alcançado.

Pôr o fundamento filosófico dessa retórica assentar-se na crença de que o verossímil é mais estimável que o verdadeiro, divulgaram uma oratória caracteristicamente probatória, que buscava provas (pisteis), assumia o aspecto técnico de uma arte com preceitos assentados cientificamente e tinha por objetivo demonstrar a verossimilhança de uma tese proposta (FERREIRA, 2015, p.41). Nesse aspecto, podemos considerar que essa parte histórica foi essencial para que as análises contemporâneas fossem realizadas, mais sem deixar de lado a sua raiz, não perdendo a sua origem e as características da criação.

Alguns conceitos foram modificados e aprimorados durante esse percurso de Aristóteles à contemporaneidade, mas percebemos que são quase imperceptíveis as alterações, porém devemos nos atentar que tendem a crescer as discussões sobre a constituição e a eficácia do discurso.

Reforçando esse pensamento, podemos destacar que a vitalidade dos estudos retóricos até os nossos dias tem destacado que os estudos retóricos estão cheios de pontos altos, mas também de crises e questionamentos. (MOSCA, 2004. p.17). A bem dizer, é esta mesma dialética que está no bojo de sua própria natureza, que implica controvérsia, discussão e, conseqüentemente, influência na formação de opinião.

De fato, a Retórica tem sido colocada à prova pelos mesmos princípios que a norteiam internamente e que fazem com que ela refloresça sempre, pela aceitação da mudança, pelo respeito à alteridade e pela consideração da língua como lugar de confronto das subjetividades.

## **PRINCÍPIOS RETÓRICOS PARA ANÁLISE**

São muitos os recursos que podem ser utilizados para se fazer uma análise retórica. Apresentaremos, aqui, alguns, afim de estabelecermos, com mais clareza as categorias de análise que serão aplicadas no item 4.

Inicialmente, citaremos pilares de desenvolvimento da análise retórica, divididos em quatro para ser explicitado de forma coerente e de fácil entendimento. O destaque desse percurso está em Mosca (2004), para quem, o discurso persuasivo, destinado a agir sobre os outros através dos logoi (palavra e razão), envolve a disposição que os ouvintes conferem aos que falam (ethos) e a reação a ser desencadeada nos que ouvem (pathos).

Esses três elementos figuraram em todas as definições e compreendem o instruir (docere), o comover (movere) e o agradar (delectare).

A retórica tem um caráter interativo e dialógico, portanto, em toda argumentação há uma relação retórica e dialética, tal como estabelecida na concepção aristotélica, o que tem sido uma preocupação constante nos trabalhos da Neo-Retórica, desenvolvida por Perelman e seus continuadores. Essa definição esta em:

Consideremos que todo discurso é, por excelência, uma construção retórica, uma vez que procurar conduzir o auditório numa direção determinada e projetar um ponto de vista, em busca da adesão. Como afirmam Perelman e Tyteca, na perspectiva da nova retórica, uma argumentação eficaz consegue aumentar a intensidade de adesão, desencadeia nos ouvintes uma ação positiva ou de abstenção ou cria uma disposição para a ação que se manifestará no momento oportuno. (FERREIRA, 2015. p.50)

Para uma boa análise retórica, devemos entender qual é o objetivo do orador, suas pretensões e que expectativa tem para o auditório, ou seja, a percepção de quando estará desagradando ou agradando.

É fundamental dizer que, em retórica, o mais importante é deixar o texto falar, pois é dele que emanam as características possíveis de serem analisadas. Conforme nos orienta Ferreira (2010), o roteiro de análise é apenas uma forma de canalizar o olhar para os sentidos possíveis do texto. Não se pretende, de modo algum, que seja uma guia inflexível para a leitura de qualquer texto retórico. Apenas a intenção didática nos permite esse gesto que contará sempre com a sensibilidade e acuidade crítica do leitor para destacar, no processo analítico, ou um aspecto ou outro mais nitidamente persuasivo e digno de reflexão acurada.

Assim, apresentamos os princípios que nortearão nossas categorias de análise: inventio, dispositio, elocutio, actio e memória

## **INVENTIO**

Etimologicamente invenção é achar, encontrar, descobrir; mas em alguns contextos na retórica não descobrimos nada, pois nada é inédito, passamos por percursos batidos e recolhemos provas para realizar esse percurso.

Na busca de provas, Aristóteles criou uma nova disciplina chamada Tópica, que propõe um método peculiar para se acharem os argumentos nos lugares-comuns (topói), sendo essa denominada Tópica Retórica ou Aristotélica ou Argumentativa. Todo argumento utilizado no discurso pertence a uma classe representa por um nome que carrega um conceito.

Na invenção, o orador reúne e escolhe tudo o que vai dizer no discurso: “quid dicat”. Note-se, porém, que tudo que se vai dizer no discurso se diz sob a perspectiva de prova, de argumentação. Aristóteles confirma que, na Retórica, fora da prova, tudo é mais é irrelevante. (TRINGALI, 2014. p,133.)

Definimos que a base para invenção é a prova, pois fora da prova não tem o valor para poder ter uma definição ou um discurso de peso. Essas provas são selecionadas através de um conhecimento específico e adquirido após uma investigação do público a ser persuadido ou convencido.

As provas utilizadas podem ser intrínsecas e extrínsecas, pois quando não possuímos bases legais ou conceitos teóricos, deixamos que ocorram dúvidas e com dúvidas não há persuasão e convencimento. Para ter a aceitação do auditório, deve-se separar as melhores provas para garantir que não ocorra a decepção do orador para com o seu auditório.

As provas são o estoque de material de onde se tiram os argumentos e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso. A tópica de que trata Aristóteles é o estudo dos lugares – elementos de prova de onde se tiram os argumentos – parte essencial da inventio, o conteúdo da retórica. (MOSCA, 2004. p. 28) Esse conteúdo nem sempre é adquirido em uma investigação clara ou permitida, podendo ser em uma espionagem ou em uma falha ao guardar as provas. Para Ferreira (2010) é no momento da invenção que o orador demonstra conhecer bem o assunto e, por isso, consegue reunir todos os argumentos plausíveis para a interpretação do discurso. É também nesse momento que se interroga sobre o auditório, identifica-se com ele para que possa estabelecer acordos, encurtar distância por meio do assunto que irá desenvolver. A invenção pode ser invisível para o auditório, mas é sensível para o analista, pois se traduz na disposição, na elocução e na ação.

## **A DISPOSITIO**

A partir da inventio, já com o conteúdo estabelecido, a dispositio ordena o que será explanado e desenvolvido. Para a organização do conteúdo é essencial que se realizem cortes ou se acrescente o que está faltando.

No entanto, nem sempre, com uma construção com detalhes, com clareza e com fluidez, alcançamos o nosso objetivo, pois o auditório é imprevisível, nenhum orador tem a certeza do discurso perfeito, mas tenta chegar o mais próximo da perfeição, pois esse sempre é o percurso que se busca em um discurso retórico.

A disposição obedece principalmente a um ideal de ordem. A ordem é uma virtude inseparável da Retórica que repudia radicalmente a anarquia, a dispersão. O discurso não pode ser desconexo, aleatório, sem norte. Por virtude, a ordem organiza os meios em vista do fim. Tudo se harmoniza logicamente. (TRINGALI, 2013. p. 159)

Esse ordenamento das provas acontece quando dominamos o assunto, as provas estão prontas para ser aplicadas de forma a persuadir o auditório, e um público pré-selecionado ou variado. Segundo (FERREIRA, 2010) em nossos dias, o discurso não se constrói por formas rígidas e até mecânicas, como apregoavam os antigos. É interessante, porém, observar que, de acordo com o auditório e o gênero escolhido, as partes constitutivas aparecem menos ou mais nitidamente no texto. Para o analista, importa verificar qual é o fio condutor da explanação feita pelo orador quanto à exposição do problema e as provas confirmativas ou refutativas.

## **A ELOCUTIO**

Para Tringali (2013, p.169-170), “a elocução é arte de reagir o material encontrado e organizado. Na elocução se produz um texto. (...) a locução cuida do lado verbal do discurso. (...)de modo se deve dizer o que se tem a dizer”.

A elocução é o pilar retórico que contempla o discurso não improvisado, mas organizado e onde, após a aplicação da inventio e da dispositivo, se estrutura o momento do texto, o texto que funcionará para persuadir o auditório, com o desenvolvimento de todo um percurso já separado, organizado e direcionada para a execução do discurso.

A elocução explora a linguagem persuasiva, isto significa que o discurso não existe apenas para agradar, mas tem a sua funcionalidade: persuadir o auditório, seja

convencendo, comovendo ou agradando. O orador possui todos os argumentos em sua mão, já concluiu passo a passo para que a elaboração esteja no ponto para a execução, as palavras não são decoradas, mas entendidas para que saiam com fluidez, sempre preparando o melhor para uma conclusão eficaz.

Não é verdade que se começa a usar a linguagem só a partir da elocução, pois já se vem lidando com ela na invenção e na disposição, quando já se tomam apontamentos do material que se vai achando e escolhendo, avaliando e organizando. Quer dizer que desde o princípio se tem de trabalhar com a linguagem por meio de alguma forma de gravação, todavia é particularmente nesse terceiro momento, no momento da elocução, que todo o empenho se concentra em nível verbal. Note-se bem que não há uma separação estanque entre invenção e disposição, de um lado, e elocução, de outro. Entretanto, não resta dúvida que a elocução tem aqui e agora seu momento particular. (TRINGALI, 2013. p.169)

Nota-se que a elocução é o momento essencial do orador onde toda a sua programação entra no ápice, esperando a glória, pois o passo a passo foi executado, que vem desde as orientações aristotélicas.

Antes de mais nada não confunda ação com elocução. A ação compreende a pronúncia e a gesticulação. A elocução é a arte de redigir o material encontrado e organizado. Na elocução se produz um texto. Na ação, esse texto é dito, de cor ou não, para um auditório, servindo-se da voz e dos gestos. (TRINGALI, 2013. p.169)

A linha tênue que separa a ação da elocução em sua construção é perceptível, mas em sua execução passa despercebida, pois os pilares são executados passo a passo de uma só vez. Um bom orador tem uma programação a seguir, nunca improvisa o seu discurso, discursa com conhecimento, com sabedoria e sempre com base teórica para manter uma boa retórica.

Elocutio – En esta parte se impone el estilo de comunicar del diseñador, no basta saber lo que hay que decir, sino decirlo com se debe. (ALBALADEJO, 1991)

Como complementa Mosca (2004. p. 29):



É o estilo ou as escolhas que podem ser feitas no plano de expressão para que haja adequação forma/conteúdo. São conhecidas as virtudes apregoadas pela velha retórica e que ainda continuam sendo preceitos do bem dizer, embora nem sempre os meios de comunicação os tenham em mente: correção, clareza, concisão, adequação, elegância. Nessa parte, há ainda que considerar a questão das modalidades de estilos, de acordo com a adequação de elocução: simples, médio e sublime. A retórica seria, portanto, uma arte funcional, por todos esses aspectos.

Com o passar dos tempos, notamos que oradores vão se transformando e criando aspecto diferentes do passado, quando os oradores eram apenas aqueles que se destacavam entre muitos, principalmente por ter uma boa memória. Hoje isso não é mais preciso, pois, com o desenvolvimento tecnológico, os oradores contam com o apoio de uma série de recursos que substituem esse exercício de memória. No entanto, não podemos desconsiderar que, com auxílio ou sem auxílio tecnológico, não podemos deixar de considerar que é a retórica, sempre, que vai destacar um bom orador.

## **ACTIO**

Segundo alguns autores esse é um dos últimos pilares a ser explorado no desenvolvimento do sistema retórico, outros acreditam e acrescentam a memória como o último pilar para que todo o conteúdo explorado fique marcado no auditório

Segundo Ferreira (2010), a ação (actio ou pronunciatio) é a última das operações do modelo retórico. Consiste na emissão, perante o auditório, do texto construído pela atividade das três operações anteriores, constituintes do discurso (inventio, dispositio, elocutio). A ação tem como finalidade a captação da atenção do auditório e a persuasão. Mantém um vínculo com a Pragmática, pois engloba os componentes sintáticos, semânticos e interacionais em busca da eficácia.

Podemos destacar que a ação, mesmo quando se considera como último pilar a memória, sem esquecer que as definições são em perspectiva diferentes, sempre tem o intuito de aplicar e desenvolver a inventio, que separa as provas, a dispositio, que ordena, e a elocutio que escolhe os estilos. A actio executa e glorifica todo o trabalho do orador, pois é a ação que atualiza o discurso, a sua execução constitui o próprio alvo da Retórica (MOSCA, 2004).



Nela se incluem os elementos suprasegmentais (ritmo, pausa, entonação, timbre de voz) e a gestualidade. Há, portanto, lugar para o não-verbal, que faz parte integrante do ato da comunicação. Tem-se que considerar a presença de um auditório, em relação ao qual o princípio básico é o de adequação, tendo-se como finalidade não apenas convencer pelo raciocínio, mas persuadir com base na emoção.

Na actio o orador constrói o seu ethos, desenvolve a sua imagem e o objetivo que deseja alcançar, o orador nesse ponto está próximo da glória e do abismo. Segundo Ferreira (2010). O primeiro ponto a ser observado pode ser filtrado pelo viés da construção da imagem pública, da luta pela determinação do ethos de cada orador. Essa leitura é fundamental, pois determinará o modo como a figura do candidato ficará impressa na memória do eleitor, do fiel, do comprador. Nesse sentido, é importante observar se o discurso proferido assume configuração que crie condições para que o auditório julgue o orador como digno de fé. Como afirmava Aristóteles, as pessoas honestas inspiram grande e pronta confiança, quando tratam das questões em geral, e inteira desconfiança quando abordam questões que não comportam nenhum modo de certeza.

## **MEMÓRIA**

Há um questionamento se a memória faz parte ou não dos pilares retóricos ou, denominado por outros, como sistema retórico, mas podemos destacar que a memória faz parte do orador e do auditório, que sem ela não podemos desenvolver um discurso coeso e coerente e o auditório não terá na memória a marca da persuasão alcançada.

O principal problema a propósito da memória consiste em discutir se ela realmente faz parte ou não do “cânon da Retórica”. (TRINGALI, 2014, p. 210)

Ferreira (2010) não contempla a memória, aborda-a em conjunto com a actio. Já Mosca (2004) considera a memória e a destaca como a retenção do material a ser transmitido, considerando sobretudo o discurso oral, em que um orador transmite mensagem a um auditório.

Para Quintiliano, a memória era não somente um dom, mas uma técnica que poderia também ser desenvolvida por processos mnemônicos, os famosos “truques” para a retenção do discurso. Constituem elementos essenciais para essa finalidade a própria

estrutura do discurso, a sua coerência interna, o encadeamento lógico das partes, a euritmia de suas frases. Conforme se pode observar, as três partes fundamentais do sistema retórico são essenciais para que se possa ter o discurso disponível na memória. Esta, longe de ser um entrave à criatividade, permite uma melhor posse do discurso, o que não elimina a improvisação e a capacidade de adaptação às eventuais refutações. A memória permite não somente reter, mas também improvisar.

A memória é utilizada pelo orador para ter conhecimento do assunto e desenvolver o que tem em mente para poder explicar ao seu auditório, já o auditório utiliza a sua memória para guardar o conteúdo exposto e utilizar o seu senso crítico para aceitar ou rejeitar o discurso. Alguns oradores têm uma retórica não adquirida por conceitos acadêmicos, mas adquirida de forma empírica para dar uma base para a persuasão.

Alguns teóricos da Retórica Antiga destacavam que um bom orador não utilizava papel, todo o conteúdo era guardado na memória e desenvolvido com sabedoria e esclarecimento. Esse conflito na contemporaneidade está desaparecendo pois, com o uso das mídias, podemos gravar, verificar erros e encontrar a melhor maneira de desenvolver o discurso, em alguns casos são telas por de trás das vistas do auditório que o orador utiliza como fonte de apoio.

Ocorrem polêmicas de que um bom orador não pode ler, deve decorar ou conhecer o assunto a ser explanado, a leitura torna o discurso cansativo, com pouca persuasão, sem convencimento, passa uma imagem de insegurança, sem domínio do que se está dizendo.

Alguns estudiosos conceituados realizam leitura, mas abordam, a todo momento, os pontos principais, nos moldes de um discurso clássico em que o orador explana um teoria ou um discurso apenas com o apoio de seu conhecimento memorizado. Fica, assim, a memória como um ponto polêmico dentro da Retórica.

## **ANÁLISE RETÓRICA**

Para análise exemplificativa, será utilizada a transcrição do discurso “Tiririca imita Roberto Carlos para pedir votos” veiculado em vídeo no Youtube, que foi apresentada no seminário em sala de aula. Da análise, ficou sob minha responsabilidade explicar sobre a dispositio e suas divisões.

Tiririca:

- Não foram só as pessoas simples que votaram em mim.
- Até você votou em mim, bicho?

Tiririca parodiando Roberto Carlos:

- Eu votei, de novo eu vou votar / Tiririca, Brasília é o seu lugar.
- Que bifões, bicho.
- Com certeza.
- Tiririca. 2222.
- Com certeza.

Tiririca:

- Obrigado, meu rei.
- Vamo vê de novo, você tá muito lindo.
- Quer ver de novo? Vamo vê de novo.
- Vamo lá, vamo vê, vamo vê. Vai.

Tiririca parodiando Roberto Carlos:

- Eu votei, de novo eu vou votar / Tiririca, Brasília é o seu lugar.
- Que bifões, bicho.
- Tiririca, com certeza.
- 2222. Deputado federal.

Tiririca:

- Tá de saco cheio da política? Vote no Tiririca.
- Tá de saco cheio da política? Vote no Tiririca.

Para a análise, como um todo, pelo grupo, foi considerado o contexto retórico utilizado para o desenvolvimento da campanha política de 2014. O aporte teórico teve por apoio o sistema retórico, considerados os pilares, inventio, dispositio, elocutio, actio e memória.

O discurso retórica possui quatro pilares, correspondentes às etapas de organização do discurso: invenção, disposição, elocução e ação. Na verdade, inventio e dispositio fundem-se: são processos operacionais criados simultaneamente e as diversas partes do discurso exercem influência sobre cada uma delas. Didaticamente, estudamos separadamente, a inventio, mas nosso olhar só pode perscrutá-la a partir da dispositio e da elocutio.

A dispositio é a parte da retórica que hoje chamamos de macroestrutura textual. O orador esforça-se para organizar o discurso de modo mais favorável às suas intenções persuasivas e, com esse fim, dar ao texto uma coerência global. Contém, pois, unidades temáticas organizadas para ressaltar a estrutura profunda do texto, a coerência global do discurso retórico. (FERREIRA. 2010, p.109, 110.)

Desses pilares, como já foi dito, será tratado aqui a dispositio que ordena o discurso de forma a ser exposto para persuadir o auditório e deixar claro quais são os objetivos a ser explanados.

O vídeo a ser analisado é o do candidato a deputado federal Tiririca (Francisco Everardo Oliveira Silva), que utiliza a caricatura para expor que não só a classe pobre vota em um candidato do povo. Para tanto, escolhe, para realizar uma paródia, o comercial do Roberto Carlos para a Friboi. Cabe à situação uma paródia, pois o cantor foi criticado e causou polêmica, por ter se declarado vegetariano e que estava voltando a comer carne motivado pela Friboi.

A paródia utiliza dois meios de persuasão e convencimento, uma mistura de comoção com razão, movendo o riso, por colocar fatos reais no meio do discurso humorístico, esclarecendo que não são só as pessoas simples votam nele, mas pessoas de prestígio também, como o “rei”.

## **O EXÓRDIO**

Parte introdutória do discurso, o momento em que o orador estabelece contato com o auditório, possui três objetivos:

- obter a benevolência;
- obter a atenção;
- tornar dócil o auditório.

Por essas observações, podemos observar, no exemplo em análise, que todas as palavras se encaixam de forma eficaz para obter boa aceitação, pois, percebe-se a presença, passo a passo, das orientações teóricas de forma eficaz. As técnicas necessárias foram desenvolvidas e aceitas pelo auditório, e isso pode ser comprovado, uma vez que, na primeira eleição de 2010, foi o mais votado e, em 2014, o segundo mais votado. O intuito foi alcançado.

No início do vídeo, no exórdio, Tiririca se apresenta como candidato político que já foi deputado, mas não deixou de ser um palhaço do povo, com humor, com graça cativante. O objetivo é ser marcante e ter destaque pelo tom irônico, que pode ser considerado como uma crítica aos deputados, principalmente os eletistas, pois o candidato traz uma imagem de palhaço, com roupas características, colocando-se ao lado do povo, palhaço nas mãos da classe política vigente. No contexto geral, procura criar uma imagem que se associa à classe mais pobre, simples e despojada.

## A NARRAÇÃO

A narração (diegésis) é a exposição dos fatos referentes à causa. Assinalado o partido que irá tomar, o orador marca a escolha de um ponto de vista que será defendido nas demais partes. Ressalta-se o logos, pois, aqui, as provas são colocadas: enuncia-se o fato com suas causas (judiciário), dão-se exemplos (deliberativos), ilustra-se o texto com episódios que ressaltem as qualidades (epidítico).

Ao analista compete verificar a clareza, a brevidade e a credibilidade impressas pelo orador ao texto.

A narração do vídeo apresenta um breve diálogo com uma caricatura de Roberto Carlos, pois Tiririca aparece com uma peruca maior que o cabelo do rei, um terno alvo, de ombreiras, sentado à mesa como se fosse tocar piano, porém, o que tem à sua frente, é um prato com um pedaço de carne com aparência de músculo, pois a carne é tão dura que nem dá para espetar o garfo, diferente do bife suculento e de qualidade do comercial da Friboi. O candidato está sozinho, como em todo almoço de brasileiro que trabalha e tem um dia corrido com uma comida mínima para sobrevivência, ao contrário do rei que se encontra em um sofisticado almoço em família. A performance é feita com uma extravagância em sua gestualização de ombros e braços, com risada exagerada, demonstrando um ar de deboche.

## A CONFIRMAÇÃO

Esta é a terceira técnica retórica para a organização do texto. A confirmação se dá através da repetição dos trechos, fazendo com que o argumento seja aceito pelo auditório. O recurso utilizado no texto em análise é a repetição para criar o humor, marcado pela figura do palhaço. Ampliando esse destaque, pode-se considerar o plenário político como um picadeiro onde os políticos realizam o seu show humorístico. O auditório é variado, vai das classes mais abastadas até as mais pobres. Esse espetáculo de exposição política se repete de dois em dois anos, pelo intercalarmente das candidaturas municipais e estaduais e federais. A crítica procura demonstrar que o povo vota sem saber o que está fazendo, é enganado pelos políticos, é iludido pelo show proporcionado pelos oradores, sem grandes perspectivas de mudanças.

## A PERORAÇÃO

Peroração é o final do discurso, é o epílogo. Nas palavras de Ferreira (2010, p.115.): *Pode ser longa e dividir-se em várias partes: a) recapitulação; b) apelo ao ético e ao patético; c) ampliação da ideia defendida. Na peroração, a afetividade se une à argumentação e conclamação à ação.*

Na conclusão há o fim da caricatura e a retomada da figura de Tiririca, sentado em uma cadeira de cinema como se estivesse assistindo a sua própria performance, descrevendo que é mais um do povo que está sendo enganado pela política circense.

O humor permanece, exercido e colocado como a marca do candidato se aproximar e se identificar com o povo, pois não se projeta como político um verdadeiro, mas verossímil, ou seja, mais um do povo, um artista, que quer descobrir os segredos dos políticos, sendo esse seu propósito principal como representante popular.

Neste final, é feita uma recapitulação de todas as partes para deixar marcada, com humor, sua proposta. O apelo ético é deixado de lado e é utilizado o patético, isto é, a capacidade de provocar um turbilhão de comoção emocional, produzido por sentimento de piedade, compassiva ou sobranceira, tristeza, terror ou tragédia. Novamente fica destacado que, mesmo sendo um artista circense, toma do conhecimento acadêmico e utiliza das teorias e funções didáticas para expor a sua voz de forma a persuadir e convencer do que pretende e do que espera do povo, ou seja, o voto e a aceitação. Em nenhum momento apresenta um plano político, mas se utiliza da verossimilhança para dizer que não sabe o que está fazendo lá.

## CONCLUSÃO

Podemos verificar que técnicas retóricas são utilizadas a todo momento por todos que se comunicam através das mídias ou em pequenos grupos. No percurso realizado para analisar o discurso, fica muito evidente como as teorias e as normas da oratória são utilizadas para persuadir ou convencer o auditório.

Esse tipo de estudo constrói caminhos para adquirirmos conhecimento que possibilite perceber as aplicações de recursos persuasivos, para não ficarmos deslumbrados diante dos discursos, os mais variados, da publicidade, da política, e conseguirmos desenvolver um senso crítico.

Quando realizamos esse trabalho na prática docente devemos nos atentar a não aprofundar nos conceitos e teorias, mas utilizar a teoria na prática colocando de forma didática e desenvolvendo passo a passo de cada pilar visualizando o nosso dia a dia.

Devemos refletir os conceitos Aristotélicos para que os discentes comecessem a vivenciar a retórica para aos poucos os conceitos sejam aprofundados e desenvolvidos.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS**

ALBALADEJO, Tomas. Fundamentación de la Retórica como Ciencia del Discurso e La Formación del sistema retórico. In Retórica. Madri: Síntesis, 1991.

CAMPBELL, Karlyn Khors et. alii. Uma Perspectiva retórica. In Atos de Retórica. São Paulo, Cengage Learning, 2015.

DA SILVA, Acir Dia. Tessituras do Tempo e Arte da Memória. In Revista Tavessias, volume 7, n 2, 2013.

FERREIRA, Luiz Antonio. O Sistema Retórico- a Elocutio. In Leitura e Persuasão – Princípios de Análise Retórica. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, José Luiz. Argumentação e Discurso. In Argumentação. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. Os Fatores da Argumentação. In Argumentação. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. Linguística e Retórica e A Dimensão Figurativa na Retórica. In Figuras de Retórica. São Paulo: Contexto, 2014.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Velhas e Novas Retórica: Convergências e Desdobramentos. In Retóricas de Ontem e de Hoje. São Paulo: Humanistas, 2004, p.17-54.

TRINGALI, Dante. A Memória e seus Problemas na Retórica. In A Retórica Antiga e Outras Retóricas. São Paulo: Musa, 2014.